

O gênero entrevista pingue-pongue: re renúnciação e valoração do discurso do outro*

Nívea Rohling da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Temos por objetivo apresentar uma análise do gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista. Serão apresentadas as regularidades apreendidas a partir do estudo da dimensão social do gênero, a saber: (a) os horizontes temporal e espacial; (b) os participantes da interação discursiva; (c) o projeto discursivo do gênero. A partir desta pesquisa podemos definir o gênero entrevista pingue-pongue como discurso citado da entrevista face a face, ou seja, um enquadramento do discurso do entrevistado a partir de uma re renúnciação da entrevista face a face. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin (ADD). Os dados de pesquisa são compostos pelas entrevistas pingue-pongues (totalizando 52 entrevistas) publicadas nas revistas semanais CartaCapital, ISTOÉ e Veja, no período de 4 de outubro a 8 de novembro de 2006, época de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil.

Palavras-chave: dimensão social do gênero; entrevista pingue-pongue; Círculo de Bakhtin; participantes da interação discursiva.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, tendo como enfoque o estudo da dimensão social do gênero.¹ Para tanto, inicialmente, apresentaremos a descrição dos dados de pesquisa, precedida de breve exposição e justificativa do percurso metodológico escolhido para a análise dos dados.

Em seguida, delinearemos brevemente o quadro teórico em que nos inserimos, a teoria de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin, apresentando a noção de gênero do discurso, conceito central para a consecução do objetivo proposto. Por fim, apresentaremos as regularidades de gênero apreendidas no

* Este trabalho é parte integrante do Grupo de Pesquisa “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” e do projeto “Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem”, ambos coordenados pela Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC).

¹ Este artigo apresenta uma parte da pesquisa de mestrado intitulada: *O gênero entrevista pingue-pongue: re renúnciação, enquadramento e valoração do discurso do outro* (SILVA, 2007). Assim, por questões de delimitação, neste texto, não será aqui apresentada a análise da dimensão verbal do gênero.

processo de análise dos dados a partir da dimensão social do gênero analisado tendo como enfoque os seguintes aspectos: (a) os horizontes temporal e espacial do gênero; (b) os participantes da interação discursiva; (c) o projeto discursivo do gênero.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa insere-se nos estudos analíticos dos gêneros e está baseada na concepção bakhtiniana de linguagem, discurso, enunciado e gênero do discurso, tendo como ancoragem metodológica a “ordem metodológica” de cunho sócio-histórico proposto por Bakhtin (2004) para o estudo da linguagem.

Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social* do gênero para posteriormente analisarmos sua *dimensão verbal* [*dimensão linguageira*]. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula, para, só então, proceder à análise de suas (relativas) regularidades linguageiras, correlacionadas com as regularidades da situação social de interação. Entretanto, é importante salientar que a separação entre a dimensão social e a dimensão linguageira do gênero justifica-se apenas por questões metodológicas, tendo em vista que as duas dimensões são indissociáveis na concretização do enunciado² e, portanto, também no gênero e em sua análise. Segundo Rodrigues (2001, p.248), “[...] tem-se uma relação inextricável entre as dimensões social e verbal [linguageira] do enunciado, que formam a sua unidade, e do enunciado singular e o seu gênero”.

Os dados da pesquisa constituem-se de todas as entrevistas pingue-pongues, 52 (cinquenta e duas) entrevistas, publicadas em três revistas semanais de informação, de circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*,³ publicadas no período de 4 de outubro

² Quando utilizamos o termo *enunciado* estamos nos referindo sempre à noção de bakhtiniana que concebe o enunciado como a unidade real da comunicação discursiva.

³ As revistas são identificadas pelo nome que aparecem em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

de 2006 a 8 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Para este artigo, apresentaremos especificamente algumas regularidades da dimensão social do gênero pesquisado, conforme mencionado na introdução deste artigo.

É necessário, antes de passar à apresentação dos resultados de pesquisa, explicar a opção pelo uso do termo ‘entrevista pingue-pongue’. Tendo em vista a polissemia do termo “entrevista” e a variedade de gêneros que são nomeados como ‘entrevista’, optamos por nomear o objeto desta pesquisa como *entrevista pingue-pongue*, uma vez que esta é a terminologia mais recorrente na esfera do trabalho do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para as entrevistas publicadas.

GÊNERO DO DISCURSO: CONCEITO-CHAVE PARA ANÁLISE SÓCIO-DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O conceito de gênero é apresentado em muitos textos do Círculo e a sua terminologia oscila entre formas de discurso social, formas de um todo e tipos de interação verbal (Rodrigues, 2005). Entretanto, no texto intitulado *Os gêneros do discurso*, onde a questão dos gêneros é detalhada, Bakhtin opta pelo termo ‘gêneros do discurso’, termo este que acabou sendo também o nome mais utilizado nas pesquisas em lingüística aplicada (LA) que seguem tal enfoque.⁴ No referido texto, Bakhtin (2003) define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, através de enunciados individuais, que se movimentam em direção a uma regularidade, surge o gênero, e essa relativa estabilização acontece por meio de seu uso em interações concretas.

Uma vez definidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros carregam em si um caráter flexível e plástico. Nessa definição, a palavra relativamente é fundamental; é ela que denota a flexibilidade do gênero, a qual está diretamente

⁴ Em Rojo (2005), no texto intitulado: “Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas”, há uma discussão sobre a diferença teórico-metodológica envolvida no uso das terminologias: teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria dos gêneros de texto ou textuais. Para a autora, ambas as leituras estão ancoradas em diferentes leituras bakhtinianas, mas a distinção está no fato de que a primeira centra seu estudo nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos, e, a segunda, na descrição da materialidade do texto.

ligada às interações sociais. Tendo em vista que as interações humanas estão em constante constituição, os gêneros possuem, então, a mesma característica de não-acabamento do enunciado.

Ainda sobre a conceituação de gêneros, de acordo com Rodrigues, Bakhtin concebe os gêneros como “tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável” (Rodrigues, 2005, p.164). Nesse sentido, é necessário olhar os gêneros a partir de sua historicidade, já que não são unidades convencionais, mas sim, tipos históricos de enunciados, possuindo a mesma natureza do enunciado (natureza social, discursiva e dialógica) (Rodrigues, 2005).

De acordo com Bakhtin (2003), a diversidade dos gêneros é infinita porque são inesgotáveis as possibilidades das atividades humanas e cada esfera comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa. Ao estabelecer a noção de gênero, o autor apresenta uma “classificação” dos gêneros como: primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles ligados às esferas cotidianas de interação, podendo, muitas vezes, transformar-se e assumir estatuto de gênero secundário, tendo em vista a dinamicidade e plasticidade inerente aos gêneros. Já os gêneros secundários, segundo Bakhtin, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) [...]” (Bakhtin, 2003, p.263) e, por sua vez, demandam uma complexidade maior, sendo exemplos, o romance, os gêneros científicos, jornalísticos, entre outros. A entrevista pingue-pongue do jornalismo de revista, objeto desta pesquisa, é um exemplo de gênero secundário, uma vez que constitui um gênero produzido em uma das esferas do sistema ideológico complexo e evoluído: a esfera sócio-discursiva do jornalismo.

Já com relação ao surgimento de novos gêneros, pode-se dizer que esse processo se dá a partir das demandas sociais, pois um gênero surge ou desaparece em função das condições sócio-discursivas. Nessa mesma perspectiva, Geraldi (2006) propõe que a emergência de novos gêneros está associada às atividades sociais, e que, quanto mais complexa é uma sociedade, mais complexos e em maior número são os gêneros nela construídos.

Na contemporaneidade, têm-se observado o surgimento e o desaparecimento de diversos gêneros; Rodrigues (2005) cita, como exemplo de gêneros que desapareceram de circulação social, as conversas de salão e o romance-folhetim. Já outros gêneros surgem de uma espécie de transmutação, como, por exemplo, gêneros encontrados no suporte digital: o *blog*⁵, que lembra o diário, o *e-mail*, que possui características da carta, todavia, os novos gêneros não substituem os já estabelecidos: o telefonema não substituiu a conversa, o artigo assinado não excluiu o editorial (Rodrigues, 2005). Não se trata de uma relação de substituição, e sim, do aparecimento de gêneros a partir das novas necessidades de interlocução, o que ocorre através das mudanças sócio-históricas, repercutindo nas relações de subjetividade e alteridade dos sujeitos.

A origem dos gêneros, bem como seu processo de mudança, também é discutida por Todorov (1980)⁶ no escopo do literário, porém essa reflexão também é válida para o presente estudo, uma vez que está em consonância com a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso. Na perspectiva de Todorov (1980, p. 46), “Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos [...]”. Ainda dentro do escopo literário, mas no que se refere a uma teoria geral dos gêneros, o autor pontua que ao se pensar em temporalidade não há nada anterior aos gêneros, pois nunca houve literatura sem gênero. Ele propõe que tanto os gêneros literários, quanto os que não estão dentro deste limite, ou seja, os gêneros das demais esferas sócio-discursivas, têm por origem o discurso humano, e que sua constituição se dá a partir de práticas sociais. Assim, a mola propulsora do aparecimento ou desaparecimento de um gênero são as necessidades comunicativas intrínsecas às práticas de interação social. Somente as necessidades discursivas, surgidas nas interações humanas, propiciam o surgimento e modalizam os modos sociais de dizer, a saber, os gêneros do discurso.

Em resumo, os gêneros norteiam as interações sociais e, ao mesmo tempo, são por elas norteados; apresentam flexibilidade para as organizações dos enunciados; servem como baliza para o dizer social; trazem, intrinsecamente, todo um universo axiológico.

⁵ *Blog* pode ser traduzido por diário na rede. Sobre esse assunto ver: Komesu (2005).

⁶ É importante ressaltar que Tzvetan Todorov foi um leitor de Bakhtin, embasando-se nesse autor para elaborar sua construção teórica sobre os gêneros do discurso. Contudo, nesse texto, Todorov não faz alusão à teoria bakhtiniana.

Os sujeitos se enunciam por meio dos enunciados construídos dentro de um determinado gênero e, por meio do enunciado e do seu gênero, expressam suas concepções de mundo, suas crenças, seus valores, revelando, não raras vezes, a voz do outro que compõe seu discurso, e formando, assim, uma cadeia ininterrupta de sentidos.

A DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

Nesta seção de apresentação dos resultados de análise, discutiremos os aspectos mais relevantes relacionados à dimensão social do gênero entrevista pingue-pongue. Inicialmente, apresentaremos a análise da esfera sócio-discursiva do jornalismo (lugar de produção e de circulação do gênero pesquisado). Essa primeira parte é resultado de pesquisa teórica baseada em textos da esfera do trabalho do jornalismo⁷ e das esferas científicas da Comunicação Social⁸ e da LA.

Por último, abordaremos os elementos mais particulares da dimensão social, aqueles relacionados à situação de interação discursiva mais imediata. Para tanto, partiremos da apresentação de parte⁹ dos elementos cronotópicos do gênero (os horizontes temporal e espacial), os participantes da interação discursiva (isto é, o leitor previsto e a concepção de autoria) e o projeto discursivo do gênero.

⁷ O conhecimento produzido na esfera sócio-discursiva do trabalho do jornalismo caracteriza-se por ser o conhecimento especializado/procedimental adquirido pelo jornalista em sua prática profissional nas empresas de comunicação das variadas mídias (jornal diário, revista, internet, TV, rádio).

⁸ Para fins de pesquisa, consideramos a ciência da Comunicação como o conhecimento produzido por pesquisadores dessa área, estando, pois, ligado aos cursos de formação em jornalismo e à produção acadêmica, constituindo-se no conhecimento compartilhado na esfera sócio-discursiva científica (da comunicação). É preciso frisar que a ciência da Comunicação Social é um campo relativamente novo, o que traz uma série de discussões, como a da existência ou não de desenvolvimento de ciência da Comunicação Social. Isso ocorre, segundo Marques de Melo (2003, p.14), "Porque o progresso da pesquisa mantém-se descompassado em relação às mudanças vertiginosas do próprio campo".

⁹ Além dos horizontes temporal e espacial, analisamos o horizonte axiológico, que não será explanado neste texto. Um estudo aprofundado da valoração imbricada (e constitutiva) no gênero entrevista pingue-pongue pode ser encontrado em Silva (2008).

A ESFERA SÓCIO-DISCURSIVA DO JORNALISMO

A constituição dos gêneros está relacionada ao seu espaço social de uso, ou seja, às esferas das atividades humanas. Para Rodrigues (2005), cada gênero ‘reflete’ no seu próprio conteúdo temático, no estilo verbal e na composição, as condições e a finalidade da esfera a qual pertence e “[...] cada esfera conhece e ‘aplica’ os seus próprios gêneros” (Rodrigues, 2001, p.7).

De acordo com Rojo (2005), as esferas comunicativas, em Bakhtin, são divididas em dois grandes grupos: as esferas do cotidiano (familiares, íntimas, comunitárias etc.), nas quais circulam as ideologias do cotidiano, e aquelas dos sistemas ideológicos constituídos (moral, ciência, arte, religião, política, imprensa). É relevante lembrar que Bakhtin (2003) associa os gêneros primários às esferas cotidianas e os gêneros secundários às esferas dos sistemas ideológicos constituídos.

O nosso objeto de pesquisa caracteriza-se como um gênero secundário, cuja constituição e circulação ocorrem em uma das esferas dos sistemas ideológicos constituídos, o jornalismo,¹⁰ que é, por sua vez, responsável pela produção e refração de conteúdos sócio-ideológicos.

Nessa relação intrínseca entre esferas sociais e gêneros do discurso, Bakhtin afirma:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística [jornalística], oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (Bakhtin, 2003, p.266)

Refletir sobre a dinâmica da esfera sócio-discursiva do jornalismo implica, necessariamente, pensar nas condições sócio-históricas de sua origem e desenvolvimento e na sua função sócio-

¹⁰ O estudo da esfera sócio-discursiva do jornalismo está embasado na tese de doutorado de Rodrigues, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo* (2001) e em autores da esfera da ciência da Comunicação Social.

discursiva no conjunto da vida social (Rodrigues, 2001).

De acordo com Kunczik (2002), historicamente, o jornalismo tem suas origens na Europa central, tendo como antecessores dos jornalistas contemporâneos os viajantes e os cronistas das cortes, que comentavam os acontecimentos do dia nas feiras, nos mercados e nas cortes aristocráticas, os mensageiros, os escrivães públicos e, posteriormente, os editores de livros, os administradores de correios, os negociantes, os diplomatas, enfim, as pessoas com acesso à informação. A primeira distribuição profissional noticiosa comercializada e veiculada ao público ocorreu em Veneza, no século XVI, reunindo informações diversificadas escritas à mão. Desde essa época, trilhou-se um longo percurso histórico até chegar ao jornalismo contemporâneo.

Contemporaneamente, os conceitos que se encontram na ciência da Comunicação sobre o jornalismo são diversos e muitas vezes se contrapõem. Essa contraposição pode ser verificada na abordagem dos seguintes autores: Kunczik (2002), Sousa (2005) e Marques de Melo (2003). Segundo Kunczik (2002), o jornalismo pode variar entre uma definição ampla, como uma profissão de comunicação, até uma definição mais delimitada como a profissão das pessoas que reúnem, detectam, formulam o conteúdo do produto da comunicação de massa e avaliam e difundem as notícias; ou ainda, que comentam os fatos do momento. Já na definição de Sousa (2005), o jornalismo é entendido como uma forma de comunicação em sociedade cuja principal função social é a de informar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, como noticiar os acidentes, os casos de polícia, o desporto, a moda, o patrimônio natural e histórico, as notícias do exterior, o comportamento da bolsa de valores, a informação de serviços, as pesquisas de mercado para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas; esses são, segundo ele, somente alguns dos muitos assuntos abordados pelo jornalismo.

Tanto Kunczik (2002) como Sousa (2005) exaltam o caráter informativo do jornalismo. Já a concepção de Marques de Melo (2003), por seu turno, amplia o conceito de jornalismo, evitando reduzi-lo à função meramente informativa. Para o autor, “o jornalismo articula-se [...] em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que passa)” (Marques de Melo, 2003, p.63). Nessa acepção,

o jornalismo assume duas modalidades, a descrição dos fatos e a versão dos fatos.

Já com relação às características do jornalismo, Marques de Melo (2003) afirma que ele é balizado pela atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. A atualidade está ligada à necessidade social de conhecimento dos acontecimentos que se relacionam com o presente e o influenciam; a universalidade corresponde às expectativas e reações da coletividade; a periodicidade, por sua vez, refere-se à noção de tempo e à capacidade da instituição jornalística de “coletar” e fazer circular a informação, ou seja, à distribuição regular das notícias; e, por fim, a difusão se relaciona com os meios tecnológicos de transmissão de informação, com a maneira de atingir a coletividade. O conceito de jornalismo apresentado por Marques de Melo (2003) mostra-se mais abrangente, uma vez que o autor considera o jornalismo como um processo social que não abrange tão somente uma função informativa.

Além disso, o autor considera que o jornalismo se configura como um processo social autônomo, contínuo e permanente, em virtude da necessidade que os cidadãos têm de recorrer a uma mediação para apreender uma realidade que se tornou muito mais ampla do que aquela captada pelos “mecanismos da sensorialidade individual” (Marques de Melo, 2003).

Entretanto, podemos dizer que essa visão de jornalismo “autônomo” e que apreende uma dada realidade pode ser questionada a partir das bases teóricas desta pesquisa se levarmos em consideração o que Bakhtin fala sobre o enquadramento do discurso do outro. Nessa perspectiva, o que o jornalismo faz não é somente “apresentar” uma realidade e um discurso, mas criar cenas/representações, enfim, empreender “enquadramentos da realidade e dos discursos” no espaço do jornalismo, configurando uma imagem do real, que não é uma transposição pura e simples da realidade e do discurso do outro, mas sempre refratada¹¹ (além disso, é preciso lembrar que o acesso à realidade é sempre mediado pelo discurso).

¹¹ Para caracterizar o signo como ideológico, Bakhtin (2004) destaca o potencial de refração do signo, assim, além de refletir o mundo, o signo o refrata através das valorações sociais nele constituídas. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra, podendo distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de uma outra perspectiva específica.

Bakhtin (1998, p.156) afirma que “O contexto que enquadra lapida os contornos do discurso de outrem como um cinzel do escultor [...]”. Portanto, o jornalismo “colore” os fatos e discursos que “enquadra”, “imprimindo” um “tom” valorativo aos acontecimentos sociais que são trazidos à esfera jornalística. Esse posicionamento do autor se contrapõe ao discurso hegemônico que reduz o jornalismo à veiculação de informação; aceitar essa acepção é, no mínimo, reduzir o poder ideológico que se interpõe entre o fato e sua veiculação, pois, ao “pescar” no mundo fatos noticiosos e torná-los “conteúdos jornalísticos”, a esfera do jornalismo está, de certa maneira, atribuindo uma valoração axiológica aos acontecimentos que “merecem” compor o espaço jornalístico. No escopo deste estudo, o jornalismo não é visto somente como uma instância noticiosa, mas é, antes de tudo, uma esfera sócio-discursiva e ideológica que, segundo Rodrigues (2005), dentre outras atribuições, é responsável por mediar as interações estabelecidas em seus gêneros, determinar a autoria e autorizar os sujeitos a se pronunciarem nesse espaço.

Assim, não é possível estabelecer uma fronteira nítida entre a descrição do fato (informação) e a exposição de uma versão sobre o fato (comentário). Como, na perspectiva bakhtiniana, a palavra é um lugar de tensões e de confrontos de índices sociais de valor,¹² podemos dizer que os conteúdos jornalísticos chegam aos destinatários previstos “repletos” de já-ditos e de julgamentos de valor, “umedecidos” por críticas ou por palavras de concordância; enfim, os conteúdos jornalísticos não constituem informação “pura” como se pretende no escopo teórico do jornalismo, pois “[...] as relações entre os parceiros da enunciação não se dão num vácuo social [...]” (Rojo, 2005, p.197).

No interior das esferas sociais, dentre elas a do jornalismo, os interlocutores ocupam lugares sociais, estabelecem relações hierárquicas e interpessoais, selecionam certos temas, adotam certas finalidades ou intenções comunicativas, e o fazem a partir de apreciações valorativas sobre o tema e sobre o interlocutor. Assim, como foi dito, o jornalismo não expressa tão somente notícias, fatos; expressa, sobretudo, valoração axiológica sobre tais acontecimentos; expõe, de forma explícita ou implícita, a apreciação valorativa dos

¹² Uma discussão mais aprofundada a respeito dos índices sociais de valor no gênero pesquisado pode ser encontrada em Silva (2008).

interlocutores. Um exemplo disso é o próprio discurso jornalístico sobre a chamada “isenção” ou “imparcialidade” jornalística, cuja percepção já caracteriza uma construção eminentemente ideológica, tendo em vista a não existência de enunciados neutros, já que o uso da língua é inseparável do seu conteúdo ideológico (Bakhtin, 2004).

Tentando ainda ampliar o conceito de esfera sócio-discursiva do jornalismo, é possível encontrar fora do escopo da ciência da Comunicação algumas referências. Na própria obra bakhtiniana, há esboços de uma definição de jornalismo, conforme a seguinte afirmação do autor:

O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É obrigado a sê-lo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo). Participa de um diálogo que pode ser terminado e até concluído, que pode passar à ação, pode tornar-se força empírica. (Bakhtin, 2003, p.388)

Bakhtin se refere ao jornalismo como retórica viva e contemporânea. É importante salientarmos que na época em que foram produzidos os escritos do Círculo de Bakhtin,¹³ ainda não se havia popularizado a perspectiva norte-americana de jornalismo, que propõe um modelo de jornalismo eminentemente “informativo”. Para o autor, a atividade jornalística e os gêneros por ela produzidos estão mais relacionados ao comentário; nesse sentido, Bakhtin refere-se ao jornalismo e seus gêneros como retórica moderna constituída de capacidade persuasiva. Além disso, ele ressalta o seu caráter de atualidade ao afirmar que “[...] o discurso retórico é o discurso do próprio homem atuante ou dirigido aos homens atuantes” (Bakhtin, 2003, p.389). Segundo Rodrigues (2001, p.80), na visão bakhtiniana, “a condição de jornalista requer o tratamento de tudo no corte da atualidade, constituindo-se a página do jornal [ou de revista, como é o nosso caso] como um reflexo vivo das contradições da atualidade social onde se desenvolvem [...] enunciados diversos e contraditórios”.

¹³ Segundo Rodrigues (2005), os textos do Círculo de Bakhtin foram escritos entre 1919 e 1974. Entretanto, sua divulgação efetiva ocorreu somente a partir da metade do final da década de 1960.

Até o momento, buscamos caracterizar a esfera sócio-discursiva do jornalismo, compreendida nesta pesquisa como espaço de mediação ideológica do gênero. Passaremos, na seqüência, à discussão de aspectos da dimensão social do gênero ligados à situação de interação discursiva mais imediata.

OS HORIZONTES TEMPORAL E ESPACIAL

O primeiro passo para a investigação do gênero foi a análise do seu cronotopo. A noção de cronotopia é apresentada por Bakhtin principalmente em dois textos, *O Cronotopo de Rabelais* (1998) e *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (2003). Mais que conceituar essa categoria, o autor aplica esse conceito à análise do gênero romance, porém, a nosso ver, ele igualmente pode ser aplicado à análise de outros gêneros, pois, como diz o autor, o cronotopo é a porta de entrada para a análise do gênero. Segundo Rodrigues (2005), cada gênero está situado em um cronotopo diferente: apresenta determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo; possui diferentes finalidades ideológico-discursivas e tem distintas concepções de autor e destinatário (auditório social) da interação discursiva. Isso quer dizer que mesmo os gêneros de uma mesma esfera sócio-discursiva, como os gêneros jornalísticos, têm constituições cronotópicas distintas, e, portanto, devem ser analisados em suas particularidades.

Assim, iniciaremos a apresentação da análise do cronotopo do gênero entrevista pingue-pongue a partir do *horizonte temporal* do gênero, que está relacionado à periodicidade da própria revista que o publica. O gênero entrevista pingue-pongue de revista possui periodicidade semanal, caso a revista em que seja publicado tenha essa periodicidade, como é o caso dos nossos dados, o que equivale a dizer que se trata de um gênero de curta temporalidade se o compararmos, por exemplo, a um romance, que é um gênero de grande temporalidade. Pesquisadores e jornalistas¹⁴ consideram o jornalismo de revista menos perene que o jornalismo diário, mas, ainda assim, podemos considerá-lo como gênero de curta temporalidade. Sobre o horizonte temporal da revista semanal (em que se insere o objeto desta pesquisa) observamos duas dimensões

¹⁴ Scalzo (2003); Vilas Boas (1996); Vannuchi (2006).

de tempo: o processo de impressão da revista e o seu tempo de circulação.

O processo de impressão de uma revista semanal realiza-se através de procedimentos rápidos e padronizados. Segundo Vannuchi (2007), a revista *ISTOÉ* e as demais revistas semanais que estão disponíveis ao público no final de semana (caso também da *Veja* e *CartaCapital*) fazem sua reunião de pauta¹⁵ na segunda-feira e “fecham” a revista na madrugada de quinta para sexta-feira, de modo que ela chega aos leitores da capital paulista e de uma ou outra metrópole no sábado à tarde. Na maioria das demais cidades, a revista chega às bancas no domingo de manhã, mas em algumas pequenas cidades do interior do país ela chega somente na segunda-feira. Nesse processo, há um detalhe interessante: a revista não vai inteira para a gráfica na madrugada de sexta-feira para que todo o seu conteúdo seja impresso até sábado; ela é dividida em cadernos e a cada noite são fechados um ou dois cadernos com o intuito de que o trabalho da gráfica seja diluído. Assim, por exemplo, fecha-se um caderno na terça, dois na quarta e três na quinta, até que no final de semana (sábado) a revista esteja completa para sua distribuição.¹⁶

No tocante ao tempo de circulação, podemos dizer que é previsto (estabelecido) pela empresa jornalística que, no caso da revista semanal, haja uma “validade” pré-estabelecida de uma semana até que a outra edição seja lançada, ao passo que a revista mensal apresenta um tempo útil de um mês, ou seja, o tempo de circulação de uma revista é circunscrito pela publicação da edição seguinte.

Entretanto, no cotidiano dos leitores, esse tempo de circulação pode ser bem maior, uma vez que a revista compõe-se de reportagens sobre temas variados que, muitas vezes, são menos datados do que aqueles presentes no jornalismo diário. Poderia constituir um exemplo disso uma reportagem sobre obesidade infantil, que é um

¹⁵ Jargão jornalístico que, segundo Lage (2004, p. 60), quer dizer: “agenda de eventos a serem cobertos para noticiário. Indicação do assunto, abordagem, fontes possíveis, equipamentos, deslocamentos e prazo de produção de reportagens”.

¹⁶ Informações obtidas através de entrevista, via *e-mail*, com o jornalista Camilo Vannuchi da *ISTOÉ* em 02 fev. de 2007. Vannuchi (2007) ressaltou, ainda, que existem revistas semanais como *Gente*, *Contigo* e *Caras* que, mesmo sendo semanais, são publicadas no meio da semana, em geral na quarta-feira, nesses casos, o calendário se inverte: a reunião é feita na quarta e o fechamento ocorre na madrugada de segunda para terça.

tema contemporâneo, mas não datado. O fato de discutir assuntos atuais, mas nem sempre datados, possibilita à revista um tempo maior de circulação que o jornal. Assim, o exemplo de reportagem citado poderia despertar o interesse do leitor por um período mais longo, mesmo após sua validade de uma semana (no caso da revista semanal). Nesse sentido, cotidianamente, a revista circula por um período maior, como ocorre no caso das revistas que “preenchem o tempo” nas salas de consultório médico e odontológico e nos salões de beleza. Nesses espaços, é comum encontrarmos revistas cujas edições já superaram seu tempo de validade, mas que o leitor folheia para passar o tempo, podendo se interessar pela leitura de reportagens, entrevistas, artigos, cartas do leitor, entre outros textos disponíveis.

Já o *horizonte espacial* do gênero pode ser compreendido em duas instâncias de análise: a primeira, mais ampla, e a segunda, mais circunscrita. Primeiramente, consideramos como horizonte espacial do gênero a própria esfera sócio-discursiva do jornalismo, compreendida como espaço social de constituição e, também, circulação do gênero e que, segundo Rodrigues (2001), é responsável por filtrar, interpretar (impor acento valorativo), evidenciar os fatos, acontecimentos, saberes, opiniões etc., que vão fazer parte do universo temático jornalístico. Dessa maneira, sendo a esfera do jornalismo o lugar discursivo da entrevista pingue-pongue, “[...] a sua interação autor/leitor não se dá no mesmo espaço e tempos físicos; também não se dá “de pessoa a pessoa”, mas é “mediada” ideologicamente pela esfera do jornalismo” (Rodrigues, 2001, p.120).

A segunda instância de análise é a do horizonte espacial da própria situação de interação discursiva do gênero, que nos remete à constituição do auditório social, que compreende o leitor previsto e a noção de autoria. A interação discursiva no gênero entrevista pingue-pongue não acontece face a face, mas é mediada pela esfera discursiva do jornalismo, que constrói a posição de autoria e de leitor do gênero.

OS PARTICIPANTES DA INTERAÇÃO DISCURSIVA

Para Bakhtin, o enunciado é a expressão e o produto da interação de três participantes, a saber: o falante (autor), o interlocutor (leitor, contemplador, espectador, ouvinte) e o tópico

(herói, tema, o quê ou quem da fala) (Bakhtin, 1926). Esses participantes da interação discursiva (interlocutores reais) nos remetem ao que Bakhtin (2004) chama de auditório social do gênero.

Com relação ao *auditório social* da entrevista pingue-pongue, podemos dizer que há uma complexa relação discursiva entre jornalista, editoria, entrevistado e leitor. Bakhtin (1926, p.14) afirma que “[...] o autor, herói e ouvinte em parte alguma se fundem numa só massa indiferente - eles ocupam posições autônomas, eles são na verdade ‘lados’, lados não de um processo judicial, mas de um evento [...]”. Assim, da mesma forma, em um primeiro momento, podemos considerar que os participantes da interação do gênero entrevista pingue-pongue ocupam lugares (lados/papéis) diferenciados: o de quem pergunta (jornalista); o de quem responde (entrevistado); o de quem edita a entrevista (editor) e o de quem lê a entrevista (leitor).

Entretanto, essa simples definição de papéis ainda não equaciona a complexidade envolvida na configuração desse auditório social. Isso porque toda entrevista pingue-pongue é um discurso representado (citado) da entrevista face a face, pois o jornalista, ao reenunciar a entrevista face a face, cita e realiza um enquadramento da sua “fala” e da do entrevistado. Como a interlocução entre jornalista e entrevistado, na entrevista pingue-pongue, é uma reenunciação da entrevista face a face já ocorrida, já não se trata mais da mesma interação, pois, conforme Bakhtin (2003), o enunciado é irrepetível, podendo somente ser citado ou mencionado.

Essa perspectiva altera sensivelmente a noção de auditório social do gênero em questão, uma vez que, na entrevista pingue-pongue, o “tu” a quem o jornalista se dirige já não é mais o entrevistado, mas o leitor. O entrevistado ocupa o papel de interlocutor na entrevista face a face; na entrevista pingue-pongue, é ele e o seu discurso citado que têm “espaço” na revista, porém, neste caso, como conteúdo temático da entrevista pingue-pongue, pois se trata de um discurso “enquadrado” pelo autor do enunciado (jornalista e editor), que dá o tom apreciativo ao referido discurso. Dessa maneira, ao enquadrar o discurso do entrevistado, o autor o faz “umedecido” de julgamentos de valor. Assim, a *situação de interação discursiva* do gênero ocorre na relação discursiva entre os

participantes da interação, a saber, o autor e o leitor, mediada pela esfera do jornalismo. Contudo, haja vista que o gênero se constitui em uma reenunção da entrevista face a face, o que aponta para a presença da intercalação desta na entrevista pingue-pongue. Assim, a entrevista pingue-pongue projeta um efeito de sentido que conduz à idéia de que os interlocutores da situação de interação discursiva são jornalista e entrevistado (interlocutores na interação face a face), e não autor e leitor (Bakhtin, 1998).

A noção de *leitor previsto* relaciona-se à concepção de destinatário apresentada por Bakhtin. De acordo com o autor,

ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (Bakhtin, 2003, p. 302)

Nessa perspectiva, o autor do enunciado se orienta pela visão que projeta do destinatário, como afirma Rodrigues (2001, p.143): “A projeção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo [...] orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor”. O leitor previsto do gênero entrevista pingue-pongue constitui-se primeiramente no leitor da revista em que o gênero é publicado. Isso se relaciona à tendência do jornalismo de revista de se segmentar de acordo com o perfil de leitor; cada revista tem um público próprio. Dessa forma, a editoria da revista, através de pesquisas de mercado consumidor, realizadas por empresas especializadas em pesquisas midiáticas, constrói uma “imagem” do seu leitor (destinatário). No caso desta pesquisa, trata-se de um público que demonstra maior interesse por notícias e informações tradicionalmente abordadas por revistas semanais de informação. O leitor das revistas *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja* busca informar-se sobre os diversos acontecimentos sociais da atualidade.

A seguir, apresentaremos o perfil do leitor das revistas pesquisadas, porém, ressaltamos que a maior parte dos dados foi fornecida pela redação da revista *CartaCapital*, que, por seu turno,

teve como fonte as pesquisas da Ipsos Marplan,¹⁷ empresa especializada em estudos de hábitos de mídia e consumo. Os dados referem-se ao período de julho a dezembro de 2005. Nas informações que se seguem (cf. Tabela 1), somente os indicadores idade e sexo foram fornecidos pelas redações das revistas pesquisadas.

Tabela 1: Perfil do leitor prevista das revistas pesquisadas
Adaptado de *CartaCapital* (2006a)

Indicadores do perfil do leitor previsto	<i>CartaCapital</i>	<i>ISTOÉ</i>	<i>Veja</i>
Idade	17% - com idade entre 20 e 24 anos 34% - com idade entre 25 e 34 anos 16% - com idade entre 35 e 44 anos 11% - com idade entre 45 e 59 anos	Não informado	20% - entre 10 e 19 anos 13% - entre 20 e 24 anos 30% - entre 25 e 39 anos 17% - entre 40 e 49 anos 20% - com mais e 50 anos
Sexo	55% - homens 45% - mulheres	Não informado	47% - homens 53% - mulheres
Formação	64% - Curso superior 15% - Pós-graduação 61% - Lêem/falam inglês 40% - Lêem/falam espanhol	37% - Curso superior 6% - Pós-graduação 32% - Lêem/falam inglês 20% - Lêem/falam espanhol	39% - Curso superior 7% - Pós-graduação 37% - Lêem/falam inglês 20% - Lêem/falam espanhol
Renda familiar	50% - Acima de 10 S.M. 11% - Acima de 30 S.M.	37% - Acima de 10 S.M. 7% - Acima de 30 S.M.	36% - Acima de 10 S.M. 7% - Acima de 30 S.M.
Possuem computadores	77%	55%	59%
Acessam Internet	69%	42%	48%
Utilizam serviços bancários <i>on-line</i>	46%	30%	31%
Utilizam débito automático	66%	57%	58%

A revista *CartaCapital* define ainda os seus leitores como um público que faz parte da elite intelectual e econômica do país; são pessoas que ocupam cargos de destaque em suas áreas de atuação e que influenciam na tomada de decisões que podem afetar seu produto ou serviço. A revista *ISTOÉ*, por seu turno, afirma que seu público constitui-se de diretores, executivos, gerentes e supervisores. Já a revista *Veja* não forneceu um maior detalhamento sobre o perfil do leitor. Tendo em vista que se trata de revistas de informação, cujo objetivo é proporcionar ao leitor uma diversidade de assuntos, as pesquisas de opinião sobre a mídia revista também procuram agrupar o interesse do público leitor de acordo com os assuntos de seu interesse, conforme tabela a seguir.

¹⁷ Disponível em: http://www.ipsos.com.br/m3.asp?cod_pagina=1083.

Tabela 2: Assuntos de interesse do leitor previsto das revistas pesquisadas. Adaptado de *CartaCapital* (2006a).

Assunto	<i>CartaCapital</i>	ISTOÉ	<i>Veja</i>
Política nacional	85%	68%	65%
Política internacional	74%	54%	55%
Economia nacional e internacional	80%	72%	69%
Cultura dos povos/ Antropologia	72%	61%	59%
Arte e cultura	76%	64%	64%
Ciência e tecnologia	74%	70%	68%

Os dados apresentados (cf. tabelas 1 e 2) mostram que os leitores pretendidos pelas revistas semanais de informação são, na sua maioria, formadores de opinião e interessados em discussões da atualidade. Ao construir uma projeção do interlocutor e do seu horizonte de expectativas e, por conseqüência, do gênero pesquisado, o jornalismo de revista leva em consideração a compreensão ativa desse leitor (interlocutor previsto do gênero).

Com relação à *autoria*, ressaltamos a noção bakhtiniana de que todo enunciado tem um autor e a ele (o autor) é facultada a responsabilidade de dar o acabamento estilístico e composicional ao objeto; assim como o enunciado, segundo Rodrigues (2001, p.135), “[...] todo gênero tem sua própria concepção de autoria”, que não está relacionada à pessoa física (empírica), mas a uma posição de autoria inscrita no próprio gênero. Nesse sentido, todo gênero estabelece entre seus interlocutores a sua própria concepção de autoria.

No tocante à posição de autoria instanciada no gênero pesquisado, podemos dizer que o objeto do discurso (o entrevistado e seu discurso) é, para o autor, uma concentração de “vozes” multidiscursivas,¹⁸ dentre as quais ressoa a sua “voz” (de autor). Entretanto, o gênero produz um “efeito” de sentido que leva o leitor a pensar que é a “voz” do próprio entrevistado que se manifesta na entrevista pingue-pongue. Toda essa construção discursiva cria um fundo aperceptivo necessário para a criação de

¹⁸ Esse conceito se deu a partir de uma analogia com o que Bakhtin (1998) diz sobre a autoria no romance: “O objeto é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz; essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz [...]” (BAKHTIN, 1998, p.88).

matizes ideológicos da esfera jornalística, pois, segundo Bakhtin (1998), todo e qualquer discurso da prosa extra-artística (a jornalística, por exemplo) não pode deixar de se orientar para o “já-dito”, para o “conhecido”. O que nos conduz à questão de autoria (trabalho estilístico-composicional) no gênero, a qual ocorre em uma complexa relação de co-autoria, sendo que o acabamento estilístico-composicional é de responsabilidade da instância discursiva do jornalismo, representada pelo jornalista e pela editoria.

Nesse complexo processo de co-autoria entre jornalista e editoria, o jornalista assume um papel imprescindível na produção do gênero, uma vez que é ele o responsável pela entrevista face a face e também pela reenunção do material gravado. Além disso, há o papel fundamental da editoria, que assume, perante a empresa jornalística, a responsabilidade de realizar o acabamento do enunciado. É a editoria quem dá o tom apreciativo à entrevista ao escolher, dentre as perguntas realizadas na entrevista face a face, quais serão, de fato, publicadas; é ela (a editoria) que tem autonomia para definir o título e os subtítulos; decidir sobre os cortes mais importantes, em outras palavras, é a editoria que define o que “merece” ser publicado, realizando, dessa forma, o enquadramento do discurso do entrevistado, cumprindo, assim, o projeto discursivo da revista.

O PROJETO DISCURSIVO DO GÊNERO

Na perspectiva bakhtiniana, há dois fatores que fazem com que um texto assuma o estatuto de enunciado: seu projeto discursivo (a intenção interlocutiva) e a execução desse projeto (Bakhtin, 2003). O projeto discursivo de um enunciado é o autor e seu querer dizer, logo, “a *vontade discursiva* do falante” (Bakhtin, 2003, p.281, grifo do autor), que, por sua vez, está ligada às coerções sociais e discursivas do próprio gênero em que se insere; em outras palavras, o projeto discursivo é determinado pelas condições da situação de interação.

Assim, fizemos o seguinte questionamento: qual a finalidade discursiva do gênero entrevista pingue-pongue? Para responder a essa questão, encontramos, em Vannuchi (2006), uma primeira possibilidade de resposta. Segundo o autor, a entrevista deve

trazer alguma novidade para quem lê; deve apresentar posições curiosas e não convencionais sobre determinado assunto e possibilitar que o leitor conheça mais profundamente o entrevistado. Portanto, podemos dizer que o projeto discursivo do autor¹⁹ da entrevista pingue-pongue é evidenciar o entrevistado e seu “dizer”, o que equivale a dizer que a finalidade discursiva do gênero está intrinsecamente ligada ao objeto do discurso, que é o entrevistado e seu discurso.

Além disso, Vannuchi (2006) diz que a entrevista deve “transportar” o leitor para aquele diálogo, como se todos estivessem testemunhando aquela conversa. Isso quer dizer que o projeto discursivo é orientado para o interlocutor do gênero, o leitor da revista semanal de informação. O autor, tendo em vista seu projeto discursivo, tenta projetar no seu leitor a impressão de que, ao ler uma entrevista pingue-pongue, ele está presenciando uma conversa face a face entre jornalista e entrevistado, dessa forma, o autor do gênero busca fazer com que seu leitor se sinta como se estivesse frente a uma entrevista face a face (por exemplo, a televisiva). Esse efeito de sentido é produzido pela intercalação do gênero entrevista face a face no gênero entrevista pingue-pongue através do efeito de autoria, pois o leitor tem a impressão de que a autoria da entrevista se dá em uma relação de co-autoria entre jornalista e entrevistado, quando, na verdade, a autoria do gênero ocorre em uma relação de co-autoria entre jornalista e editoria.

A posição de Vannuchi (2006) se confirma, pois, efetivamente, a finalidade discursiva do gênero é evidenciar o entrevistado e seu discurso. Na materialidade lingüística do enunciado, enquanto o nome do entrevistado e sua fotografia são elementos que se sobressaem, o nome do jornalista, por sua vez, aparece com menor destaque e, em alguns casos, nem mesmo é citado. Além disso, o espaço maior do enunciado é reservado à *reenuniação do discurso do entrevistado*.

Até aqui, buscamos apresentar o projeto discursivo do autor do gênero no sentido mais estrito do termo, mas devemos também pensar em um projeto discursivo “maior”, o da empresa jornalística. Assim, qual o objetivo da revista em publicar a entrevista pingue-pongue? Em princípio, podemos dizer que a presença do gênero

¹⁹ Conforme discutido anteriormente, a autoria do gênero pesquisado ocorre na relação de co-autoria entre jornalista e editoria da revista.

produz um “efeito” de pluralidade ideológica, pois, ao inserir, na edição da revista, a “voz” de alguém (no caso do entrevistado) que não integra a empresa jornalística, em outras palavras, que não compõe o quadro de colaboradores da empresa jornalística, é como se a revista estivesse democratizando os espaços de fala. Isso coaduna com a visão de Vannuchi (2006) quando diz que, na entrevista pingue-pongue, apresenta-se a opinião de uma pessoa; e não a opinião da revista, portanto, em última análise, a revista não pode ser considerada culpada por eventuais deslizes que o entrevistado venha a cometer.

Entretanto, a nosso ver, trata-se tão somente de um efeito de pluralidade de “vozes”, pois novamente reafirmamos o que foi dito nas seções anteriores sobre o auditório social e sobre a autoria: na entrevista pingue-pongue já não é mais o entrevistado que “fala”, pois seu discurso citado é enquadrado e citado pelos autores do gênero, a saber, o jornalista e a editoria. Outra questão importante é que a entrevista face a face pode também ser reenunciada como discurso citado dentro de outro gênero, como, na reportagem, mas, quando é reenunciada como entrevista pingue-pongue, parece existir uma crença de que há mais veracidade, ou melhor, mais fidelidade com relação ao dizer do entrevistado. Ao reproduzir uma seqüência de perguntas e respostas, cria-se um efeito de sentido que remete à impressão de fidelidade à palavra do entrevistado, enquanto que no discurso citado inserido em outros gêneros poderia haver “desvios” em relação ao pronunciamento do entrevistado. Essa perspectiva se confirma na recomendação do manual de redação de *O Estado de São Paulo*, que diz que a entrevista no “estilo” pergunta e resposta (pingue-pongue) deve ser recomendada somente nos casos especiais “[...] em que seja útil conhecer a opinião do entrevistado [...]” (Martins Filho, 1997, p.108). Essa recomendação demonstra a impressão de que a entrevista pingue-pongue traz mais fielmente o discurso do entrevistado.

Contudo, essa visão precisa ser questionada, uma vez que a “voz” do entrevistado, no gênero entrevista pingue-pongue, não chega ao leitor diretamente como pretende dizer (ou fazer crer) a esfera do jornalismo, pois ela é reenunciada em outro enunciado, de outro gênero; dessa forma, a seqüência de perguntas e respostas publicada na entrevista pingue-pongue não corresponde à seqüência

ocorrida na entrevista face a face. A escolha das perguntas e das respostas que devem compor o enunciado constitui-se em uma evidência tácita da não consistência da idéia de que esse gênero possibilita “fidelidade” à fala do entrevistado, uma vez que a edição da entrevista pingue-pongue consiste em “costurar” um mosaico de falas do entrevistado, constituindo assim a composição temático-estilística da entrevista, o que nos remete novamente à questão da autoria do gênero e seu projeto discursivo. Nessa “costura”, os autores do gênero (jornalista e o editor) “enquadram” as perguntas e as respostas que desejam publicar, tendo em vista a finalidade discursiva de evidenciar o entrevistado e seu discurso, atribuindo, assim, o “tom” apreciativo e o acabamento estilístico-composicional ao gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa podemos definir o gênero entrevista pingue-pongue como *discurso citado da entrevista face a face, ou seja, um enquadramento do discurso do entrevistado a partir de uma reenunciação da entrevista face a face*. Esse discurso citado pode ser considerado como “[...] o discurso de outrem [do entrevistado] na linguagem de outrem [do autor], que serve para refratar a expressão das intenções do autor (Bakhtin, 1998, p.127, grifo do autor). Ainda sobre a definição da entrevista pingue-pongue, sob a ótica desta pesquisa, queremos fazer menção ao que Bakhtin diz:

No romance, o homem que fala e sua palavra são objeto tanto de representação verbal como literária. O discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido, mas representado artisticamente e, à diferença do drama, representado pelo próprio discurso (do autor). Porém a pessoa que fala e seu discurso constituem um objeto específico enquanto objeto do discurso: não se pode falar do discurso como se fala dos outros objetos [...] os objetos inanimados, os fenômenos, os acontecimentos, etc. (Bakhtin, 1998, p.135)

Essa passagem do texto de Bakhtin se refere à pessoa que fala no romance, em que há uma representação do discurso do outro. Já nos gêneros da prosa extra-artística (caso do nosso objeto de pesquisa), Bakhtin afirma haver um processo de transmissão do

discurso do outro²⁰. Contudo, observamos que o discurso do sujeito falante na entrevista pingue-pongue não é apenas transmitido; há ainda uma espécie de encenação da entrevista face a face, que é reenunciada e valorada pelo autor da entrevista pingue-pongue.

E tendo em vista que, na entrevista pingue-pongue, o entrevistado e seu discurso constituem o objeto do discurso, a valoração axiológica se sobressai, uma vez que esse entrevistado já vem envolvido em um fundo aperceptivo dos discursos alheios. Segundo Bakhtin (1998, p. 86), o objeto (o entrevistado) “está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações”. Contudo, não é qualquer pessoa que possui o *ethos* de entrevistado; essa posição é “outorgada” aos leitores que possuem uma relação assimétrica com os demais leitores; eles são selecionados a partir de seu papel social, que os valida, enfim, os qualifica para assumir a posição de entrevistado.

Dessa forma, o fio condutor na entrevista é o entrevistado e seu discurso, em outras palavras, o que interessa, de fato, nesse gênero, é o entrevistado, cujo discurso, através do enquadramento feito pelo autor, é “encharcado” de valoração, é desacreditado, é contestado ou enaltecido. Essa valoração dada ao entrevistado concretiza-se através de seu papel social, que é validado pelas opiniões sociais, e pelos já-ditos sobre esse objeto (entrevistado). Isso nos remete à metáfora de discurso-raio, utilizada por Bakhtin (1998) para explicar a orientação sobre o objeto do discurso:

Se representarmos *a intenção*, isto é, *a orientação sobre o objeto* de tal discurso pela forma de um raio, então nós explicaremos o jogo vivo e inimitável de cores e luzes nas facetas da imagem que é construída por elas, devido à refração do ‘discurso-raio’ não no próprio objeto (como o jogo de imagem-tropo do discurso poético no sentido restrito, na ‘palavra isolada’), mas pela sua refração naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações através do qual passa o raio, dirigindo-se para o objeto. A atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem. (Bakhtin, 1998, p.87, grifo do autor).

²⁰ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004), Bakhtin analisa o “Discurso de outrem”, apresentando as suas variantes: discurso indireto, discurso direto e suas variantes e o discurso indireto livre.

Semelhantemente ao efeito de um raio, a atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem; da mesma forma, os discursos que envolvem o entrevistado fazem com que os já-ditos sobre ele se intensifiquem, tenham ressonâncias ideológicas, constituindo a imagem da “personalidade fútil”, do “político ético ou inescrupuloso”, do “especialista” que é voz de autoridade etc. Em virtude disso, a valoração axiológica do jornalista na entrevista face a face, do autor da entrevista pingue-pongue e do próprio leitor sobre o entrevistado e seu discurso aflora de forma saliente no gênero. Trata-se de discursos “outros” sobre o objeto do discurso, cujas ressonâncias ideológicas se tornam intensas e tensas.

No gênero entrevista pingue-pongue, a regularidade que se sobressai é o entrevistado e seu discurso como objeto do discurso da entrevista, o que faz com que a valoração do objeto do discurso seja o ponto de maior saliência do gênero, diferentemente, por exemplo, do gênero artigo assinado (cf. Rodrigues, 2001), em que o ponto de saliência é a autoria e as outras “vozes” que esse autor traz para a interação discursiva no artigo. Ao ler um artigo assinado, o leitor quer saber quem diz, qual a opinião do autor do dizer; já na entrevista pingue-pongue, o leitor quer saber sobre o entrevistado e seu discurso e não sobre o autor da entrevista.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4.ed. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP, 1998.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. VOLOCHINOV, V. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

_____. (VOLOCHINOV, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

GERALDI, João Wanderley. In: *SEMINÁRIO BAKHTIN: LINGUAGEM E SUJEITO, ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

- KOMESU, Fabiana C. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.110-119.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2004.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 1997.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. 356 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- _____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.152-183.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.184-207.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA, Nívea R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. 2007. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- _____. Os índices sociais de valor no gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista. *Revista Intercâmbio*, São Paulo: LAEL/PUC-SP, v.XVII, p.444-460, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VANNUCHI, Camilo. *A entrevista pingue-pongue no jornalismo de revista*. Entrevista concedida via e-mail em 12 set. 2006.

_____. *Condições de produção de uma revista semanal*. Entrevista concedida via e-mail em 2 de fev. 2007.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

Recebido em outubro de 2008
e aceito em dezembro de 2008.

Title: *The genre ping-pong interview: re-utterance and valuation of the speech of the other*

Abstract: *We aim at presenting an analysis of the journalistic genre ping-pong interview in weekly magazines. The regularities which were apprehended from the study of the social dimension of the genre will be presented in terms of a) temporal and spatial horizons; b) the participants of the discursive interaction; c) the genre's discursive project. From the present research we can define the genre ping-pong interview as a reported speech of face-to-face interview, thus, a framework of the interviewee's speech through a re-utterance of face-to-face interview. The theoretical-methodological basis concerns the theory of speech genres and of dialogic analysis of discourse from Bakhtin's Circle (ADD). The research data consists of 52 ping-pong interviews published on the weekly magazines CartaCapital, ISTOÉ and Veja, from the 4th of October to the 8th of November, 2006; a period of time that corresponds to the coverage of the second round of the presidential elections in Brazil.*

Keywords: *generic social dimension; ping-pong interview; Bakhtin's Circle; participants of discursive interaction.*